

## EGAL – 2009 – Eixo temático 5. Dinâmica Urbana

Eda Góes. *SOBRE A BANALIZAÇÃO DE LUGARES E DESCONEXÕES COM A HISTÓRIA URBANA: a fragmentação da cidade latinoamericana contemporânea em questão. (UNESP – Brasil)*

*Todos os que viemos morar em altos de la Cascada dizemos ter feito isso buscando 'o verde', a vida saudável, o esporte, a segurança. Como desculpa, inclusive diante de nós mesmos, acabamos por não confessar por que viemos. E, com o tempo, já nem nos lembramos. A vinda para La Cascada produz um certo esquecimento mágico do passado. O passado que resta é a semana passada, o mês passado, o ano passado, 'quando jogamos o intercountry e ganhamos'. Vão se apagando os amigos da vida inteira, os lugares que antes pareciam imprescindíveis, alguns parentes, as recordações, os erros. Como se fosse possível, em certa idade, arrancar as folhas de um diário e começar a escrever um novo.*

Assim se encerra o terceiro capítulo do romance *As viúvas das quintas-feiras*, publicado originalmente na Argentina, por Claudia Piñeiro, em 2005<sup>1</sup>, e que, no mesmo ano, recebeu o Prêmio Clarín de Romance, escolhido por um júri composto por José Saramago, Rosa Montero e Eduardo Belgrano Rawson. Nos perguntamos se o prêmio se deveu às características formais do texto, ao seu estilo cinematográfico, ou à habilidade com que tratou de temática tão atual, quanto ainda insuficientemente explorada, qual seja, a presença, significado e implicações dos loteamentos fechados nas cidades contemporâneas, particularmente nas latinoamericanas. Mas a resposta é quase óbvia; foi pela combinação das três qualidades do romance, cuja oportunidade explica o efeito hipnótico garantido pela trama e o desconforto experimentado pelos leitores que não se recusaram a ir além dela.

Usando como referência o fragmento escolhido, ainda que sem perder de vista sua contextualização no romance, nos propomos, neste trabalho, a explorar duas possibilidades interpretativas nele contidas para um dos processos mais significativos experimentados pelas cidades latinoamericanas contemporâneas<sup>2</sup>, a fragmentação, decorrente da opção de parcela crescente, não apenas das suas elites, mas dos segmentos médios de seus moradores, tal como fizeram os personagens do romance que foram morar em La Cascada.

Três observações são necessárias, antes da apresentação das duas possibilidades interpretativas, cujas interrelações pretendemos identificar, ao final do texto: primeiro, tomando como referência uma obra literária, devemos ter clareza da sua polissemia, ou seja, nos detemos em duas, das inúmeras possibilidades interpretativas nela contidas; segundo, não nos limitamos a refletir sobre realidades metropolitanas latinoamericanas, mas levamos em conta processos mais amplos, experimentados também por cidades de pequeno e médio porte, em que pese as suas particularidades; terceiro, apostamos na necessidade da interdisciplinaridade quando se trata de enfrentar um tema como a cidade latinoamericana contemporânea, em suas múltiplas e complexas dimensões, ainda que os referenciais produzidos no campo da História, do Urbanismo e das Ciências Sociais desempenhem papel central nas interpretações propostas.

A ênfase nas questões concernentes à temporalidade, ou nas formas de representar o tempo, explicitam a importância do referencial produzido pela História, ao mesmo tempo em

<sup>1</sup> No Brasil, o romance *As viúvas das quintas-feiras* foi publicado em 2007, pela Editora Objetiva, com tradução de Joana Angélica d'Avila Melo.

<sup>2</sup> Enquanto na Europa, o tema da degeneração urbana foi discutido durante todo o século XIX, na América Latina, em que pese às diferenças entre países, a discussão adentra no século XX, acabando por ser sobreposta aos questionamentos gerados pelo rápido impacto da fragmentação urbana.

que justificam a escolha, nunca casual, do fragmento do romance. *Como se fosse possível, em certa idade, arrancar as folhas de um diário e começar a escrever um novo*, como se essa passagem não fosse suficiente, no fragmento temos ainda uma referência direta ao tempo e outras a lembrança, ao passado, ao esquecimento, às recordações. Não se trata de um “tempo objetivo”, experimentado, registrado e medido coletivamente, pautado em eventos que qualificam socialmente essa experiência, mas de um “tempo subjetivo”, originário de vivência individual ou de um grupo delimitado (neste caso, dos moradores de La Cascada, um *country*, como os argentinos chamam alguns de seus loteamentos fechados), amparado, qualificado e recobrado pela memória. Mas, por qual memória?

Primeiro, é preciso contextualizar, relacionando sempre tempo e espaço. Falamos de memórias urbanas, lembrando que

A cidade é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si. Uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço.

Mas a cidade não é um coletivo de vivências homogêneas. [...] O que faz com que surja uma memória grupal ou social, referida a algum lugar, é o fato de que aquele grupo ou classe social estabeleceu ali relações sociais. Essas relações, entretanto, podem ser de dominação, de cooperação ou de conflito, e variam tanto no tempo como no espaço. Conseqüentemente, a vivência da cidade dá origem a inúmeras memórias coletivas, que podem ser bastante distintas umas das outras, mas que têm como ponto comum a aderência a essa mesma cidade. (ABREU, 1998, p. 14)

No caso do fragmento escolhido, a memória grupal não se refere à cidade, mas a uma parcela dela, da qual se separa por altas muralhas descritas em outras partes do romance, que impedem qualquer porosidade entre interior e exterior. Tais cidades, por sua vez, são parte intrínseca de uma sociedade capitalista que, do ponto de vista espacial, tem entre seus princípios, a expansão infinita, impulsionada pelo mercado, e, do ponto de vista temporal, pretende o controle infinito do tempo dos homens; sua lógica econômica tende a invadir a totalidade da vida, transformando tudo que tem importância em “capital simbólico” a ser administrado. Assim, nessa sociedade, se administra a vida afetiva, a imagem, a doença, o resultado da partida esportiva... (MICHÉA, 1994, p.55).

Nessas cidades, nos deparamos com uma das particularidades do “tempo objetivo” na sociedade capitalista, que também se caracteriza pela presença de idéias novas (originárias do século XIX), como progresso, processo, novo, mudança, transformação e revolução, diretamente relacionadas ao domínio da natureza, às condições de existência e à vontade de liberdade, que redefiniram a própria concepção de História. Através da conexão entre tempo e História, por meio da ação, dos feitos humanos, o que ocorreu no passado e o que pode vir a ser no futuro, a temporalidade da ação constitui a História como uma dimensão da realidade. Mas tais conexões entre tempo e História, entre passado e futuro, estão presentes no romance de Claudia Piñero?

Segundo nossa primeira interpretação, o fragmento do romance sugere um esforço no sentido da desconexão entre passado e futuro, através das ações dos empreendedores imobiliários responsáveis por aquele loteamento fechado e de seus moradores, que pretendem *arrancar as folhas de um diário e começar a escrever um novo*, embora, neste caso, se trate não propriamente de *um diário*, no sentido individual, mas de um grande e coletivo diário partilhado por aqueles moradores. Num jogo de contradições, de possibilidades e impossibilidades, de contraposição entre *mágica* (idealização) e realidade, a autora constata, através de sua personagem principal - *E, com o tempo, já nem nos lembramos. A vinda para La Cascada produz um certo esquecimento mágico do passado. – para depois observar - como se fosse possível...*

Como se as aderências que ligavam os moradores de La Cascada à cidade (Buenos Aires) tivessem desaparecido, a partir de sua vivência no interior no loteamento, *vão se apagando os amigos da vida inteira, os lugares que antes pareciam imprescindíveis, alguns parentes, as recordações, os erros*. Levando em conta as discussões propostas pelo arquiteto italiano Bernardo Secchi (2007, p.120), a partir de quatro questões para se pensar “a cidade contemporânea e seu projeto”<sup>3</sup>, optamos por interpretar tal *apagamento dos lugares* menos como indício da sua destruição e mais como expressão da banalização dos mesmos. Além disso, a despeito do tom intimista do romance, é fácil imaginar que nesses *lugares apagados* não havia só amigos e parentes, mas relações conflituosas, presentes apenas indiretamente no fragmento do romance, e ainda assim, rapidamente desqualificadas como *desculpa* pela autora, ainda que tais relações reapareçam na sua trama, inúmeras vezes, como parte daquilo que foi magicamente esquecido.

Voltamos então à primeira pergunta, ainda não respondida: a qual memória os personagens do romance se referem? A indicação é bastante clara: *O passado que resta é a semana passada, o mês passado, o ano passado, ‘quando jogamos o intercountry e ganhamos’*. Ou seja, trata-se de memória imediata, curta e rápida, também própria da sociedade capitalista, com seu famoso *just in time*, mais próximo do também famoso “tempo é dinheiro”, que das relações entre passado e futuro, herdadas no século XIX. Nesse sentido, de forma contraditória, constatamos uma ruptura temporal, com o passado, e uma ruptura espacial, com a cidade, mas não uma ruptura com a sociedade, sobretudo no que se refere a qualquer dos preceitos básicos do capitalismo, ou seja, com a organização social. A ênfase na *vitória do intercountry*, inserida na lógica competitiva do mercado é indício claro dessas permanências.

Frente à constatação dessa contradição, é necessário questionar: será possível tal separação? A resposta pode ser encontrada, mais uma vez, no jogo de possibilidades e impossibilidades, de contraposição entre *mágica* e realidade, a que já nos referimos. É nesse campo, ou neste jogo, que a referência à *busca ‘do verde’ e da vida saudável* ganha significação, através da idealização da “volta à natureza”, ou ao “mundo natural”, mas não aquele que conhecemos, contra o qual a sociedade capitalista vem agindo há séculos, em mais um de seus exercícios de dominação. Trata-se de uma outra natureza, quem sabe, uma natureza anterior e intocada, ao mesmo tempo em que purificada e com condições controladas, de cor, temperatura, presença animal... reelaborada em função de preocupações estéticas, muitas das quais inspiradas pela mídia e todas elas fartamente exploradas pelas campanhas publicitárias encomendadas pelos empreendedores imobiliários. Mas também se trata de natureza cuja temporalidade é indefinida, entre o passado e o futuro, cada qual mais idealizado que o outro.

Neste ponto, identificamos aproximações claras entre os personagens do romance, moradores de La Cascada, e moradores de loteamentos fechados brasileiros, de diferentes cidades. A partir dos anos 1990, começaram a ser divulgados os resultados de pesquisas que problematizam essa nova forma de habitar, muitas das quais incluindo, nos procedimentos metodológicos, a tomada de depoimentos de seus moradores<sup>4</sup>, ainda que isso não signifique, de modo algum, o emprego de referenciais teórico-metodológicos semelhantes nas suas análises.

Em algumas dessas pesquisas encontramos indicações de que *desculpas* mencionadas por Claudia Piñeiro também são dadas por moradores de loteamentos de Marília, Presidente

---

<sup>3</sup> As quatro questões propostas por Secchi (2007, p.116) são as seguintes: “a emersão em crescente importância do sujeito, a emersão de importantes e simultâneos fenômenos de concentração e dispersão urbana, e emersão do cotidiano e a progressiva democratização do espaço”.

<sup>4</sup> Exemplar das conclusões a que têm chegado pesquisas que não empregam a coleta de depoimentos dos moradores dos loteamentos pesquisados é o caso do artigo “La expansión residencial amurallada em la reconfiguración metropolitana em Santiago de Chile”, publicado em 2007, que conclui: “esta utopia constructiva excluye y abandona la propia tridimensionalidad de la ciudad, pues sólo se encuentran espesadas dos dimensiones de ella: la vertical, com los edificios y equipamiento; y la horizontal, com la mancha espacial y una rígida zonificación. La carència de la tercera diomensión, transversal o temporal [...] impossibilita se constituir el complejo tejido urbano” (HIDALGO, BORSDORF, SÁNCHEZ, 2007, p.133).

Prudente e São Carlos<sup>5</sup> (SP), cujos depoimentos coletamos<sup>6</sup>, mas também de São Paulo (CALDEIRA, 2000), Goiânia<sup>7</sup> (GO), Belo Horizonte e Nova Lima<sup>8</sup> (MG), embora, no caso dessas últimas três cidades, não tenham sido interpretados como *desculpas*, uma vez que os pesquisadores que os colheram não problematizaram seu significado, ou seja, não se questionaram sobre a particularidade da idealização contida em cada um deles e, menos ainda, sobre suas implicações políticas, às quais retornaremos mais adiante, neste texto.

Duas pesquisadoras, uma brasileira e uma argentina, publicaram importantes trabalhos que utilizaram, de forma crítica, entre suas principais fontes, os depoimentos de moradores de loteamentos fechados. Teresa Pires do Rio Caldeira publicou “Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo” (2000), no qual enfrenta o desafio de desvendar a complexidade das relações entre formas urbanas e formas políticas, a partir do estudo do caso da metrópole paulista, entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990. Focando sua análise na atuação das elites, chega a conclusões radicais, como a interpretação da “retirada das elites para enclaves fortificados como uma forma de resistência à democratização” (CALDEIRA, 2000, p.283). Maristella Svampa publicou “Los que ganaron: La vida en los countries y barrios privados” (2001), que também emprega o conceito de segregação espacial para discutir o caso de Buenos Aires nos anos 1990, mas foca sua análise nas classes médias e nas transformações por elas experimentadas no contexto de emergência do neoliberalismo, particularmente na privatização crescente da sociedade argentina. Tendo em comum com Caldeira (2000) o empenho na repolitização, através da análise, de práticas despolitizadoras dos sujeitos pesquisados, Svampa conclui pela perda do papel integrador tradicionalmente desempenhado pelas classes médias argentinas. De acordo com sua interpretação, isso implicaria na perda da excepcionalidade argentina no cenário latinoamericano (SVAMPA, 2001, p.18).

Retomando as comparações entre os personagens do romance argentino e os depoimentos colhidos pelos pesquisadores brasileiros, encontramos tanto elementos que apontam para diferenças, como para características comuns. Inicialmente, constatamos que a referência à busca pelo *esporte* foi muito menos freqüente no segundo caso.

Em segundo lugar, em relação à busca pelo *verde*, embora ela aparecesse recheada pelos mesmos componentes já comentados para o caso do fragmento do romance, uma leitura mais atenta aponta para diferenças. Assim, no caso brasileiro, “a volta à vida das pequenas cidades do interior” conferiu outro detalhamento a tal ideal, sobretudo para famílias com crianças, para as quais o loteamento fechado proporcionaria experiências como brincar na rua, andar de bicicleta e jogar futebol. Enfim, é para esse passado, urbano, porém não metropolitano, e igualmente idealizado, desde que concebido individualmente, ou seja, para cada família, que *desejariam* retornar, *como se fosse possível...* Isso ganha mais significado, quando levamos em conta diferenças entre essas famílias, algumas das quais são provenientes de áreas metropolitanas, enquanto outras sempre viveram em cidades de pequeno e médio porte, e mais ainda quando também levamos em conta a presença dos muros e outros dispositivos de segurança e controle nos loteamentos fechados em que agora residem, que evidenciam o mesmo distanciamento em relação “às pequenas cidades do interior”, uma vez que essas sempre se caracterizaram como

---

<sup>5</sup> Ana Mércia S. Roberts e Francisco Barnabé Ferreira pesquisaram loteamentos fechados de São Carlos (SP), ela na Tese de Doutorado “Cidadania interdita: um estudo dos condomínios horizontais fechados (São Carlos – SP)”, defendida em 2002, e ele na Dissertação “Transformações urbanas na cidade de São Carlos: condomínios horizontais fechados e novas formas de sociabilidade”, defendida em 2007.

<sup>6</sup> Essas três cidades do interior do Estado de São Paulo vêm sendo pesquisadas pela autora deste texto, juntamente com Maria Encarnação Beltrão Spósito e Oscar Sobarzo Miño, no âmbito do projeto interdisciplinar “Urbanização difusa, espaço público e insegurança urbana”, financiado pela Fapesp. Ver mapa em anexo, ao final do texto.

<sup>7</sup> Cristina Patriota de Moura pesquisou loteamentos fechados de Goiânia (GO), na tese “Ilhas urbanas: novas visões do paraíso”, defendida em 2003.

<sup>8</sup> Belo Horizonte e Nova Lima (MG) foram pesquisadas por Luciana Teixeira de Andrade, que divulgou seus resultados no texto “Estilos de vida nos condomínios residenciais fechados”, inserido na coletânea **As cidades e seus agentes: práticas e representações**, organizada, conjuntamente, por essa pesquisadora, por Heitor Frúgoli Jr. e Fernanda Áreas Peixoto, publicada em 2006.

espaços abertos, com problemas, conflitos, desigualdades... além da tranquilidade, enfim, pelas ambivalências tipicamente urbanas, de que procuram separar-se, com vistas à suposta proteção das crianças.

Alguns depoimentos pautam-se na mesma contraposição expressa pela personagem do romance, entre *mágica* e realidade, como nos casos abaixo, colhidos em Marília e Presidente Prudente:

“começa a voltar um tipo de vida que a gente tinha deixado de ter, uma vida simples, é engraçado, mas é uma vida de brincar na rua, ..., é uma contradição mas é uma vida simples que eu tive, onde eu morava, quando eu era pequena, não é? ... É muito parecida com a que eu tive.”

“[tínhamos] um pouco da ilusão... de que seria como uma cidade, assim, mais interiorana, que as pessoas fossem mais amigas, que os vizinhos tomassem café juntos, e de fato foi o que aconteceu.”

“aqui, querendo ou não querendo, é uma pequena cidade. É uma grande família. Aqui todo mundo se conhece, todo mundo... É como se fosse uma pequena cidade do interior, aqui dentro.”

“é um paraíso, porque, no sentido assim de segurança, da vida que meu filho pode levar, é como se fosse uma vida de antigamente.”

“Como se fosse uma vida de antigamente”, diz nossa depoente real e brasileira, *como se fosse possível, em certa idade, arrancar as folhas de um diário e começar a escrever um novo*, diz a personagem argentina, numa confluência explícita em relação ao desejo de ruptura, pouco surpreendente em tempos de globalização pautados na pretensão à “expansão infinita” da sociedade capitalista e de sua lógica, a que já fizemos referência. Identificamos também confluências implícitas, indicadas pela auto-problematização do desejo: *como se fosse...* Mas não é! Essa parece ser a frase sub-sequente, nunca dita.

Por fim, ainda comparativamente, identificamos, a partir da pesquisa de Svampa, também nos depoimentos dos moradores de *countries* argentinos, referências a “pueblitos del interior”, mas nesse caso, o principal aspecto articulador da representação idealizada do passado está no campo, “com el pasado rural del país, la imagen de la estancia y, com el núcleo criollo fundador” (SVAMPA, 2001, p.88). A despeito das tendências homogeneizadoras da contemporaneidade, as diferenças nas histórias dos dois países continuam a exercer influência nas representações atuais de seus habitantes, ainda que, por vezes, se limitem à dimensão subjetivas, não chegando a alterar práticas, crescentemente homogêneas.

“El verde, el campo y el barrio: los círculos del paraíso” (SVAMPA, 2001, p.84), assim a socióloga argentina sintetiza os princípios conteúdos de algumas das representações de seus entrevistados, que sustentaram sua opção por residir em loteamentos fechados, ao mesmo tempo em que denuncia seu caráter fortemente idealizado. Assim identificamos, nesse nível, do imaginário, uma relação de positividade com a origem crioula e rural, que, no Brasil, foi fortemente rejeitada, em nome de uma poderosa vinculação entre urbanização e progresso.

Como aprendemos que a História não trabalha com possibilidades, com o que podia ter sido, entre o dito e o não dito, ficamos com o primeiro, optando por interpretar cada *como se fosse...*, a partir da perspectiva da “sociedade do espetáculo”, tal como proposta por Guy Debord (1997, p.14), como uma sociedade na qual “o espetáculo [...] é uma visão de mundo que se objetivou”, não como um conjunto de imagens, mas como “uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Imagens de antigamente, de familiaridade, de simplicidade, de liberdade, de segurança, mas também de vitórias. Como representações que intermediam relações entre moradores de espaços exclusivos, que assim procuram garantir que o novo espetáculo tenha continuidade, a despeito (e não a partir) dos outros espetáculos, anteriormente encenados.

Mas tais moradores não têm qualquer pretensão de que “seu espetáculo” se torne um modelo para a sociedade, pelo contrário, a exclusividade é parte intrínseca do próprio espetáculo, tanto quanto todos os outros espetáculos que continuam a ser cotidianamente encenados passam a ser de responsabilidade apenas dos outros atores, sujeitos sempre desiguais, dessa cidade. Para aqueles que puderam optar pelos habitats fechados, a busca pela similaridade, homogeneidade, em meio a tanta variedade e diferença, parece significar também a opção pelo conforto e pela supressão da necessidade de compreender, negociar, enfim, de se comprometer (BAUMAN, 2007, p.93).

Nesse sentido, da identificação das implicações políticas<sup>9</sup> de tal esforço de ruptura, em relação às outras memórias urbanas, é que apresentaremos nossa segunda possibilidade explicativa, que se baseia na identificação de semelhanças, mais aparentes, e diferenças, mais importantes, entre as intenções daqueles que optam por essa nova forma de habitat urbano e os arquitetos modernistas que projetaram Brasília.

Dentre as muitas análises de Brasília já produzidas, nos baseamos no trabalho de James Holston, “A cidade modernista”, publicado em 1993, que pontua logo na parte introdutória:

apresento Brasília como um exemplo dos princípios da arquitetura e do planejamento urbano modernistas. Propostos por grupos de vanguarda na Europa Ocidental e na União Soviética, e adotados no Brasil, esses princípios constituem uma reconceitualização radical da vida nas cidades. Brasília é, provavelmente, sua mais completa realização prática. (HOLSTON, 1993, p.12-13)

A partir de cuidadosa contextualização das íntimas relações entre Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e os CIAM (Congrès Internationaux d’Architecture Moderne), realizados entre 1928 e 1960, o autor identifica como pontos comuns entre os seus participantes, a crítica radical da propriedade privada e das relações baseadas no dinheiro, além daqueles diretamente relacionados à arquitetura, como o desenvolvimento de novos tipos de edificações e a concepção da unidade da habitação como parte dos serviços públicos.

O seu fio condutor é a problematização da proposta, segundo a qual Brasília viria a “criar uma nova era”, transformando a sociedade brasileira, ao servir de modelo para práticas sociais radicalmente diferentes, conforme a passagem abaixo, extraída da revista publicada pela empresa encarregada da construção da cidade, a Novacap:

Quanto aos apartamentos há uns maiores e outros menores em número de cômodos, que são distribuídos, respectivamente, para famílias, conforme o número de dependentes. E por causa de sua distribuição e inexistência de discriminação de classes sociais, os moradores de uma superquadra são forçados a viver como que no âmbito de uma grande família, em perfeita coexistência social, o que redundava em benefício das crianças que vivem, crescem, brincam e estudam num mesmo ambiente de franca camaradagem, amizade e saudável formação. [...] E assim é educada no Planalto, a infância que construirá o Brasil de amanhã, já que Brasília é o glorioso berço de uma nova civilização. (Brasília 1963 apud HOLSTON, 1993, p.28)

A estratégia de “forçar os moradores a viver...” não deixa dúvidas sobre o caráter autoritário da proposta, atribuído ao “movimento moderno” e que já foi amplamente criticado, assim como seu caráter elitista (JAMESON, 1991, p.12). Mas expressões como “grande família”, “perfeita coexistência”, “ambiente de franca camaradagem, amizade e saudável formação” e, sobretudo, a centralidade desempenhada pelas crianças nesse projeto, são indícios de semelhanças entre as intenções dos arquitetos que planejaram Brasília, dos personagens do romance *As viúvas das quintas-feiras*, moradores de La Cascada, e dos moradores de

---

<sup>9</sup> Nesse aspecto, esse texto se identifica aos trabalhos de Caldeira (2000) e de Svampa (2001).

loteamentos fechados brasileiros, que também dizem respeito à relação que pretendem estabelecer com o tempo, com a memória, com a História, mas também com a cidade.

No projeto de Brasília, como no romance e nos depoimentos que colhemos, o desejo de ruptura com o passado estava presente. Nos dois últimos casos, além do esforço no sentido da desconexão entre passado e futuro, sob aparência de rupturas individuais, identificamos anteriormente rupturas com a cidade, mas que não implicaram em rupturas com a sociedade capitalista. No primeiro caso, de Brasília, a desconexão pretendida era com um passado de atraso e injustiças sociais, relacionados à origem colonial do Brasil, paradoxalmente, sem romper com estruturas de poder em que se apoiava o grande responsável pela viabilização do projeto, o Governo Kubtscheck.

Sobre esse aspecto, que diz respeito às relações com a História, as observações de Holston (1993, p.17) são esclarecedoras:

Na arquitetura e no urbanismo, o modernismo começa por se distanciar das normas e das formas da vida urbana burguesa, a qual ele tenta subverter propondo ao mesmo tempo um futuro radicalmente diferente e um meio para se chegar até ele. Trabalhando de forma retroativa, de seu fim imaginado em direção às precondições deste, tal visão da história é teleológica. Essa teleologia tem várias conseqüências importantes. Em primeiro lugar, ela gera um dos fundamentos da arquitetura e do urbanismo modernista: a total descontextualização, na qual se toma um futuro imaginado como a base crítica pela qual avaliar o presente. Como carece, assim, de uma noção de contexto histórico, a visão modernista da história é paradoxalmente desistoricizante.

Mas por trás das semelhanças, mais ou menos aparentes, há diferenças importantes, que se referem mesmo à natureza de cada um dos projetos. Assim, embora ambos partam de desconexões e rupturas, da negação da cidade, os arquitetos modernistas apostaram no caráter revolucionário da cidade projetada, “já que Brasília é o glorioso berço de uma nova civilização”. Distanciam-se, nesse sentido, do caráter individual e exclusivo das soluções nas quais apostam os segmentos da elite e das classes médias, fortemente conectadas com a privatização e a competição próprias do neoliberalismo cada vez mais hegemônico.

Para além da reinvenção de certas partes da cidade, o que se identifica é a desistência frente à cidade, por parte de uma parcela minoritária, porém poderosa, de seus moradores, que possibilita que constatemos, com Predrazzini (2006, p.56-57), que

Há mais estranhamento e distância entre dois bairros de uma mesma cidade, divididos pelas dinâmicas urbanas, que entre duas cidades com elementos comuns de urbanidade, construídas pelos mesmos modos globalizados de produção.

Brasília foi inaugurada em abril de 1960. Segundo Holston (1993, p.30), a utopia que caracterizou seu projeto começou imediatamente a ser destruída, uma vez que “embora tenha sido concebida para criar um novo tipo de sociedade, Brasília foi necessariamente concebida e habitada por outra – pelo resto do Brasil, que se pretendia negar. O desenvolvimento social de Brasília é impulsionado pelas tensões e contradições entre as duas sociedades”. Assim, graças a tal temporalidade, o projeto e seu significado, a realização e suas implicações, puderam ser analisados por Holston e por tantos outros, enquanto a presença, significado e implicações dos loteamentos fechados nas cidades contemporâneas, particularmente nas latinoamericanas, como alertamos no início deste texto, ainda estão em processo de desvendamento. Mas o papel das tensões e contradições, detectado no caso de Brasília, pode ser uma pista importante para as pesquisas sobre as dinâmicas urbanas mais recentes.

Além disso, contrariamente aos esforços desistoricizantes identificados nos projetos discutidos, destacamos a importância de se conferir a cada um deles a sua contextualização própria. Desse modo, tanto as conexões entre o pensamento político de Niemeyer e o impacto da Revolução Russa de 1917, particularmente sobre aqueles que experimentavam insatisfação diante da sociedade capitalista, por um lado, e, por outro, a forte polarização que caracterizava o mundo após a II Guerra Mundial, precisam ser levados em conta. No plano da História do Brasil, as características da modernização impulsionadas pelo Governo JK, baseadas na industrialização, particularmente na indústria automobilística, intimamente associada à urbanização que envolvia, inclusive, uma substituição da imagem rural pela imagem urbana do Brasil, com todas as implicações dela decorrentes, não são menos significativas do ponto de vista da compreensão da atuação desses sujeitos históricos.

Se aquele contexto poderia ser caracterizado, grosso modo e, a despeito do risco das generalizações, como pautado numa crescente politização e polarização, desde a queda do muro de Berlim e do fim da União Soviética, que o atual contexto tem sido expresso por idéias polêmicas, como “o fim a História” (FUKUYAMA, 1989), por metáforas poderosas como “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001) e por revisões de idéias clássicas, como “crise do contrato social” (SANTOS, 2002). Todos eles, embora cada um a sua maneira, oferecendo subsídios importantes para os interessados em refletir sobre a cidade contemporânea.

Para finalizar, retornamos ao romance “As viúvas das quintas feiras” e aos subsídios por ele oferecidos para a compreensão de processos em curso na cidade latinoamericana contemporânea, como a emergência do cotidiano e de certa temporalidade, relacionados ao distanciamento da dimensão social, que por sua vez nos estimulam a percorrer novos percursos interpretativos em busca das razões da fragmentação do espaço urbano que subsidiem novas estratégias voltadas à reversão desse quadro, se contrapondo a um “presente que se propõe eterno, recusando projetos alternativos”, no dizer de Ana Clara T. Ribeiro (Conferência de abertura do I Cimdepe - Seminário Internacional Cidades Médias: Dinâmica Econômica e Produção do Espaço Urbano, 2005).

### Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Território**. Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, n. 4, 1998, p. 5-26.

ANDRADE, Luciana T. de. Estilos de vida nos condomínios residenciais fechados. FRÚGOLI Jr, Heitor; ANDRADE, Luciana T. de; PEIXOTO, Fernando A. (organizadores). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006, p.305-329.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

CALDEIRA, T. P. do Rio. **Cidade de muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed.34-Edusp, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Francisco B. Transformações urbanas na cidade de São Carlos: condomínios horizontais fechados e novas formas de sociabilidade. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos.

FUKUYAMA, Francis. The end of History? **The Nacional Interest**, 1989.

HIDALGO, R.; BORSDORF, A. E SÁNCHEZ, R. La expansión residencial amurallada em la reconfiguración metropolitana em Santiago de Chile. MATTOS, Carlos de e HIDALGO, Rodrigo (editores). **Movilidad Espacial y Reconfiguración Metropolitana**. Santiago do Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile – Coleção Eure-Libros, 2007, p.117-134.



HOLSTON, James. **A cidade modernista**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

JAMESON, Fredrich. **El posmodernismo o la lógica cultural del capitalismo avanzado**. Buenos Aires: Paidós, 1991.

MICHEA, Jean-Claude. O fim da História? (Introdução). LEFORT, Bernard (coordenador). **Sobre o fim da História**. Petrópolis: Vozes, 1995, p.53-65.

MOURA, Cristina P. de. Ilhas urbanas: novas visões do paraíso. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Petrópolis: Vozes, 2006.

PIÑEIRO, Claudia. **As viúvas das quintas-feiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

ROBERTS, Ana Mércia. Cidadania interdita: um estudo de condomínios horizontais fechados (São Carlos-SP). 2002. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reinventar a Democracia**. Lisboa: Gradiva, 2002.

SECCHI, Bernardo. A cidade contemporânea e seu projeto. REIS, Nestor G.; PORTAS, Nuno; TANAKA, Marta S. **Dispersão Urbana**. Diálogos sobre pesquisas Brasil – Europa. São Paulo: FAO/USP, 2007.

SVAMPA, Maristella. **Los que ganaron**: La vida en los countries y barrios privados. Buenos Aires: Biblos, 2001.

## Anexo

FIGURA 01

Estado de São Paulo: cidades médias em estudo na pesquisa  
“Urbanização difusa, espaço público e (in)segurança urbana”

